



VIOLÊNCIA

Uma mulher agredida a cada duas horas

Estudo divulgado ontem inclui casos de apenas nove estados. Operações contra a violência resultam em 5.238 prisões

» RAFAELA BOMFIM*
» FERNANDA STRICKLAND
» LETÍCIA CORRÊA*

A cada 24 horas, em média, 12 mulheres foram vítimas de algum tipo de violência em nove estados brasileiros acompanhados pela Rede de Observatórios da Segurança. O dado faz parte de um relatório divulgado nesta sexta-feira (6), que reúne informações registradas ao longo de 2025 a partir de monitoramento diário de conteúdos publicados na mídia sobre segurança pública. O levantamento inclui ocorrências no Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo.

Ao todo, 4.558 mulheres sofreram agressões nesses estados durante o período analisado. O número representa aumento de 9% em comparação com 2024, quando foram contabilizadas menos ocorrências. A pesquisa reúne diferentes tipos de violência, desde agressões físicas até crimes de maior gravidade, compondo um panorama das ocorrências divulgadas em reportagens ao longo do ano.

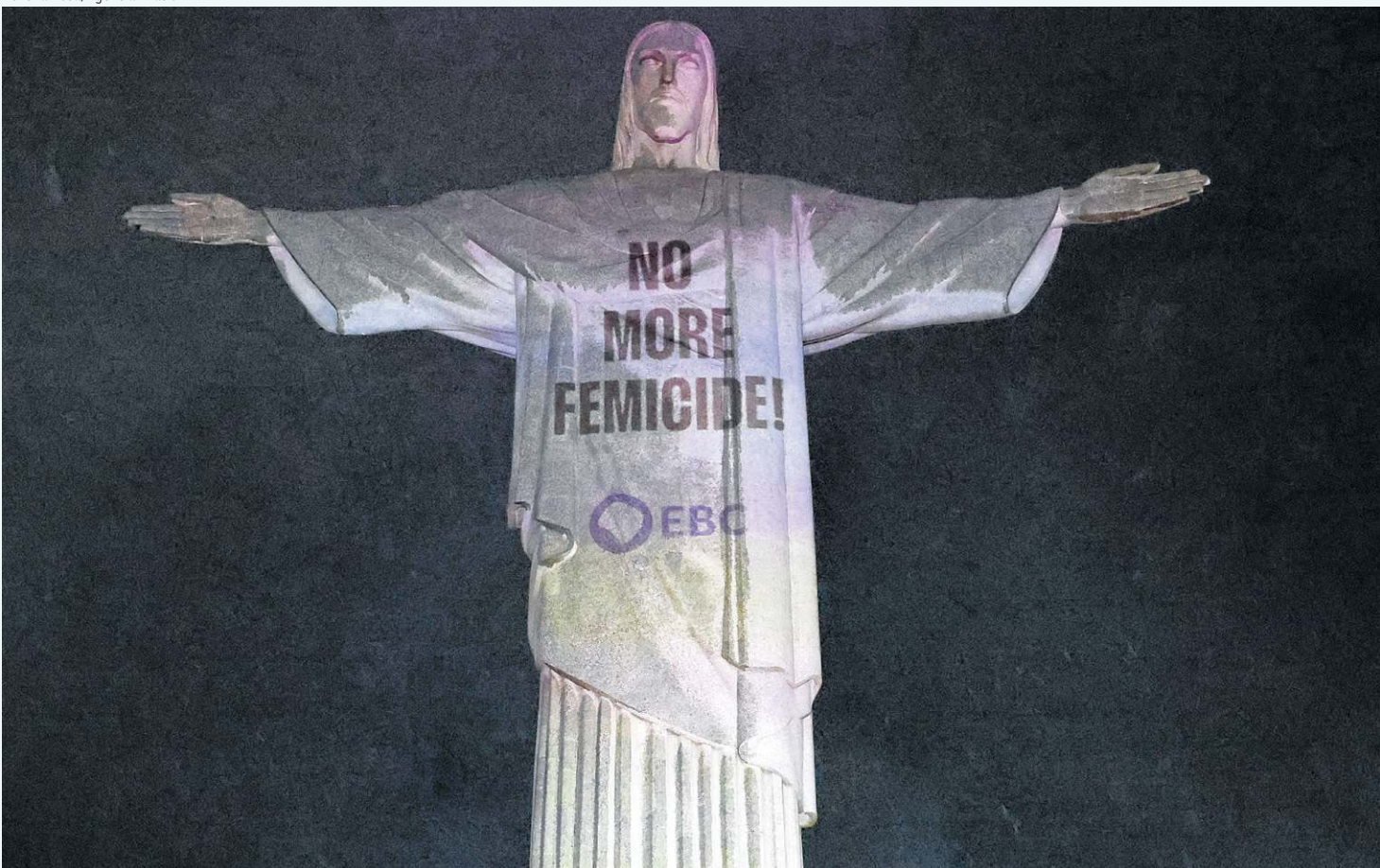
Entre os dados destacados está o crescimento da violência sexual. Foram registrados 961 episódios de estupro ou abuso em 2025, aumento de 56,6% em relação ao ano anterior, que teve 602 notificações. Mais da metade das vítimas tinha entre 0 e 17 anos, representando 56,5% dos casos contabilizados no levantamento.

O estudo também analisa o vínculo entre vítimas e autores das agressões. Segundo o relatório, 78,5% dos episódios foram cometidos por companheiros ou ex-companheiros. Isso indica que a maior parte das situações ocorre dentro de relações afetivas. Ao todo, o monitoramento registrou 546 feminicídios e sete transfeminicídios. Quando somados aos homicídios de mulheres, o total chega a 1.004 mortes nos estados analisados.

No recorte regional, alguns indicadores chamam atenção. No Amazonas, 78,4% das vítimas de violência sexual eram crianças ou adolescentes. Já o Pará apresentou o maior crescimento proporcional nas ocorrências, com aumento de 76% em

Cristo abraça campanha para a Copa feminina

Rovena Rosa/Agência Brasil



O esporte também é um aliado importante na luta contra a violência de gênero. No início da semana, o Cristo Redentor, ícone mundial do turismo no Brasil, abraçou a campanha “Feminicídio Nunca Mais”. A iniciativa é uma parceria entre organização internacional No More Foundation, voltada para o enfrentamento da violência doméstica e sexual, e o governo federal. As mensagens projetadas no monumento carioca deram início à campanha que pretende alcançar o potencial máximo na Copa do Mundo Feminina da Fifa 2027, que será realizada no Brasil. Peças publicitárias de conscientização serão veiculadas nos intervalos dos jogos. O lançamento da campanha contou com a presença da primeira-dama, Janja da Silva, de ex-atletas da seleção feminina de futebol e do técnico da equipe masculina, Carlo Ancelotti.

relação ao período anterior. No Rio de Janeiro, 39,1% dos registros ocorreram na capital do estado.

O relatório também aponta lacunas nos dados disponíveis sobre as vítimas. Em 86,7% dos registros divulgados pela mídia não havia identificação de raça ou cor, o que, segundo os pesquisadores, dificulta a formulação de políticas públicas voltadas para grupos específicos. “Evocar a vida, em vez da morte, em um documento estatístico que compõe um perturbador inventário das violações, cumpre o papel paradoxal e necessário de romper as ‘máscaras silenciadoras’ e de amplificar vozes de denúncia e resistência que transbordam os números”, afirma Flávia Melo, autora do principal texto da publicação. O estudo recomenda ampliar políticas de prevenção, com ações educativas sobre equidade de gênero nas

escolas e iniciativas que enfrentem padrões culturais que naturalizam a violência. Casos podem ser denunciados pelo telefone 180, que funciona 24 horas, além do WhatsApp (61) 9610-0180, pelo e-mail central180@mulheres.gov.br, em delegacias ou por meio dos números 100 e 190.

Na semana que antecede o Dia Internacional da Mulher, o governo federal anunciou o resultado de uma operação em vários estados que prendeu 5.238 pessoas em decorrência de crimes de violência contra mulheres e meninas. O balanço das atividades é uma junção das operações Mulher Segura e Alerta Lilás.

A Operação Segura durou de 19 de fevereiro a 5 de março deste ano. A iniciativa contou com a participação de forças de 26 unidades da Federação, com exceção do Paraná.

“Foram registradas 4.936 prisões, sendo 3.199 em flagrante e 1.737 em cumprimento de mandados de prisão e prisões por descumprimento de MPU (Medida Protetiva de Urgência), segundo dados consolidados pelas Ministério da Justiça e Segurança Pública”, informa o balanço das duas operações.

Ainda segundo o texto, “durante 15 dias, a operação mobilizou 38.564 agentes de segurança, com apoio de 14.796 viaturas, em 2.050 municípios brasileiros. Foram realizadas 42.339 diligências, com 18.002 medidas protetivas de urgência acompanhadas e 24.337 vítimas atendidas”.

A operação também incluiu ações de prevenção e conscientização. Ao todo, foram promovidas 1.802 campanhas educativas que alcançaram cerca de 2,2 milhões de pessoas, com foco no enfrentamento à violência de gênero.

Alerta Lilás

Paralelamente, a Polícia Rodoviária Federal realizou a Operação Alerta Lilás, considerada a maior ação da história da corporação voltada especificamente à proteção de mulheres. Entre 9 de fevereiro e 5 de março, a PRF intensificou operações de inteligência e fiscalização em rodovias federais e áreas de atuação da corporação em todo o país.

Como resultado, foram registradas 302 ocorrências relacionadas a crimes de violência contra a mulher, com prisões em flagrante ou cumprimento de mandados judiciais. Desse total, 119 casos — cerca de 39,4% — tiveram participação direta da atividade de inteligência da corporação, enquanto 183 prisões (60,6%) ocorreram a partir de flagrantes realizados por equipes operacionais.

As iniciativas fazem parte do Pacto Brasil entre os Três Poderes

para Enfrentamento do Feminicídio, acordo firmado entre Executivo, Legislativo e Judiciário para fortalecer políticas de prevenção, ampliar a proteção às vítimas e garantir a responsabilização de agressores. O documento estabelece uma série de medidas voltadas ao combate à violência de gênero, incluindo mutirões nacionais para cumprimento de mandados de prisão contra agressores e o fortalecimento da rede de acolhimento às vítimas.

Entre as ações previstas também estão a aceleração da concessão e do monitoramento de medidas protetivas de urgência, maior integração entre órgãos de segurança pública e do sistema de justiça e iniciativas educativas voltadas à prevenção da violência contra mulheres.

* Estagiárias sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza

SUSTENTABILIDADE

Projetos buscam superar traumas da mineração

» IAGO MAC CORD

Dez anos após o rompimento da barragem de Fundão em Mariana, em Minas Gerais, a cidade ainda é o epicentro de um desafio: é possível conciliar a extração mineral com a dignidade humana e a segurança ambiental? A Cedro Participações, holding de R\$ 2,5 bilhões, tenta avançar nessa empreitada.

Operar em Mariana exige mais do que licenças ambientais. É preciso trabalhar para superar uma barreira psicológica. Lucas Kallas, presidente do conselho da Cedro, admite que a chegada à cidade, há quatro anos, foi marcada pelo receio da população.

“Foi muito difícil. Mariana estava arisca, e com razão. Tivemos que ir ‘comendo pelas beiradas’, sentando com líderes comunitários nos fins de semana para mostrar que faríamos diferente”, recorda o executivo.

Para quem viveu o trauma de

2015, a promessa de uma mineração “limpa” é recebida com ceticismo. Por isso, a estratégia da empresa foi focar em entregas tangíveis de infraestrutura que o poder público, muitas vezes, não conseguiu garantir.

Foram R\$ 10,7 milhões na duplicação da MG-129 e R\$ 37,6 milhões no asfaltamento da estrada vicinal de Camargos. No distrito de Antônio Pereira, a reforma de campos de futebol e parques infantis tentou devolver o espaço de lazer a uma comunidade que viu sua rotina ser engolida pela mineração tradicional.

Além do lucro

Se em Mariana a prioridade é a infraestrutura de acesso, em Nova Lima o foco se deslocou para a base da pirâmide social. A empresa mantém a Creche São Judas Tadeu, a maior unidade privada de Minas Gerais, onde 800 crianças recebem atendimento

Divulgação



Lucas Kallas, executivo da Cedro, visita creche em Nova Lima (MG)

integral e 4 mil refeições diárias.

Kallas defende que esse tipo de investimento não é caridade, mas sim um pilar de governança. “Isso traz uma satisfação que o dinheiro não compra. São crianças de um ano e meio cujos pais precisam trabalhar para botar comida na mesa. Ver que elas estão seguras e bem alimentadas é o que humaniza o negócio”, afirma Kallas.

O impacto se estende à saúde, com o financiamento de Centros de Terapia Intensiva (CTI) e centros de hemodiálise em hospitais como o Mário

Penna e a Santa Casa de Belo Horizonte, somando mais de R\$ 80 milhões em aportes sociais desde 2020.

Um dos maiores estigmas da mineração é o tráfego incessante de carretas, que poluem e colocam em risco a vida nas rodovias. A BR-381, a “rodovia da morte”, é o cenário onde o grupo pretende aplicar sua solução logística mais ambiciosa: um Transportador de Correia de Longa Distância (TCLD) elétrico de 19km; e um ramal ferroviário de 26km para retirar quase 4 mil carretas por dia das estradas.

“Carreta é impacto, é poluição. O nosso objetivo é zero carreta fora da mina”, diz Kallas. No subsolo da sustentabilidade, a aposta é o pellet feed, um minério de alta pureza que reduz em até 50% a emissão de carbono nas siderúrgicas. “As grandes empresas mundiais estão buscando esse ‘minério verde’. É uma mudança de mercado que exige coragem para investir agora”, explica.

O esforço de fazer a mineração em uma perspectiva ESG também passa por não depender

exclusivamente da atividade industrial. O grupo hoje detém o maior plantio de café irrigado do Brasil no Norte de Minas, em Francisco Dumont, levando o rigor do compliance mineral para o agronegócio. O projeto já é certificado pela Starbucks e emprega 150 famílias em uma região historicamente pobre.

Com planos de saltar de 7 milhões para 30 milhões de toneladas de minério até 2031, a holding adota o rigor das empresas de capital aberto, com auditorias internacionais. Mas, para Lucas Kallas, o sucesso dessa nova mineração será medido pela memória que deixará no solo mineiro.

“Chega uma fase que não é mais só sobre o lucro. É sobre deixar um legado, pagar impostos de forma correta e ver que você mudou a vida das pessoas. Eu gosto de pegar o negócio do zero e, na hora que está pronto, sentir que deixamos algo melhor do que encontramos”, conclui.